

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda São José

código
AIII - F13 - Val

localização
Rodovia RJ-143, 6º distrito, Conservatória

município
Valença

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A fazenda está localizada à margem da estrada de acesso ao distrito de Conservatória, próxima à Serra São Vicente, sendo possível avistar, desta rodovia, a casa-sede. Esta implantada no alto de uma elevação, ocupando uma posição de domínio em relação às demais construções. Devido à topografia do sítio onde se insere a casa-sede, podemos observar a existência de porão habitável em um trecho, paralelo à fachada lateral esquerda.



87



120

coordenador / data
equipe
histórico

Tania N. Kashiwakura Oliveira - nov 2007
Ana Vivien L. Bautista, Paulo Ariel Geraldo da C. Dias
Adriano Novaes

revisão / data
Alberto Taveira - mar 2008

Próximas à casa-sede existem duas edificações, construídas para a criação de gado, principal atividade econômica das fazendas, depois do declínio do ciclo do café. Afastada da casa-sede, à margem da estrada de acesso ao distrito de Conservatória, encontramos a área de trabalho para a produção do café cercada por muros baixos, em alvenaria de pedra, que delimitam o antigo terreiro, hoje coberto por extenso gramado e utilizado como área de pastagem para o gado. Em frente a esse terreiro encontramos uma antiga construção, provavelmente a tulha, que, após a derrocada do café, foi transformada em venda e atualmente se destina a moradia. Essa edificação tem características de sobrado, na face voltada para a estrada, e térrea quando se abre para o antigo terreiro.

Diante dessas constatações, percebemos que o tipo de ocupação predominante, em que a casa-sede *“fechava um dos lados de um grande espaço quadrangular em torno do qual agrupavam-se também dependências – senzala, a tulha, engenho e as oficinas”*¹, não foi, neste caso, adotado como modelo.

¹Miranda, A. R., Czajkouski, J. *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.



Fazenda São José, s.a., s.d. (Acervo Helena dos Santos Gomes)



De acordo com a análise arquitetônica das casas-sede divididas em cinco categorias, extraída do livro *Fazendas – Solares da Região Cafeeira do Brasil Imperial*, de autoria de Alcides da Rocha Miranda e Jorge Czajkowski, a casa-sede da Fazenda São José se enquadra no quinto tipo: “o casarão de um só pavimento, ou de um pavimento sobre porão alto. Sua principal característica, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. Em alguns casos, essa cobertura assume as dimensões de um pórtico ou varanda, muitas vezes apoiadas sobre colunatas de ferro. A casa sobre porão alto – ou habitável – parece ser a de origem mais antiga. São deste gênero, no século XVIII, numerosas quintas portuguesas e alguns solares brasileiros, como a Casa do Conde dos Arcos, em Salvador. Na transposição para a fazenda, esse tipo de residência fidalga sofre a simplificação de praxe, mas guarda a relação hierárquica entre o térreo e o piano nobile, o que o diferencia do sobrado, onde os dois pavimentos têm a mesma altura e geralmente servem, ambos, para habitação. O gosto pela casa térrea sobre porão baixo certamente se originou nas chácaras suburbanas, que se popularizaram durante o século XIX, e daí se espalhou tanto para o campo quanto para as cidades. Segundo A. C. da Silva Telles, térreas foram, preponderantemente, as grandes casas urbanas dos barões do café, em Vassouras/RJ. Também nas fazendas a ausência do sobrado não significa, necessariamente, uma diminuição na importância do estabelecimento, como demonstra a Fazenda Santarém, em Bemposta/RJ. E, se algumas das casas menores foram sedes secundárias de grandes proprietários rurais, construídas para serem ocupadas por seus filhos ou administradores, as outras respondem a um retraimento que os destinos da monocultura começavam a impor” (f 120).

A principal característica dessa categoria, como dito anteriormente, fora a horizontalidade, é a existência, ao centro da fachada principal, de uma escadaria de um ou dois lances levando a um patamar geralmente coberto por um copiar. No caso dessa fazenda, ela apresenta uma escada paralela à fachada lateral esquerda, devido à topografia do sítio onde está implantada a casa-sede.

A casa-sede está implantada no alto de uma elevação dominando a paisagem. Devido à topografia do sítio, podemos observar a existência de porão habitável, em um trecho paralelo à fachada lateral esquerda. O porão habitável está sendo utilizado apenas como depósito, não possui escada de acesso ao pavimento nobre e encontra-se em péssimo estado de conservação.



85



86



105



107



109

A sede é composta de dois corpos, sendo o principal, certamente, o mais antigo, onde se localiza o setor de receber e as áreas de viver em comum, constituído por um bloco retangular coberto por um telhado de quatro águas. O outro, anexo, acoplado ao corpo principal, é destinado aos cômodos de serviço.

Através da varanda, localizada na parte frontal do corpo bloco principal, chegamos a uma sala de estar central, de acesso aos quartos. Em frente a essa sala existe uma pequena capela com circulação ao lado. Essa circulação serve de ligação às salas de estar e jantar e, através desta, acessamos o conjunto de quartos localizados à sua direita, e à cozinha localizada à sua esquerda.

Foram observadas, durante o levantamento, as presenças de algumas intervenções para adaptação às necessidades atuais de moradia, como modificações de uso devido, principalmente, à criação de compartimentos para banheiros e à demolição de alvenaria histórica localizada na sala de estar.

Próximas a casa-sede existem duas construções, provavelmente posteriores, construídas para a criação de gado e, afastada da casa sede, à margem da estrada de acesso ao distrito de Conservatória, é possível localizar a área de trabalho para a produção do café, através da existência de pequenos muros em alvenaria de pedra que, provavelmente, cercariam o antigo terreiro, localizado em frente a uma antiga construção, que concluímos ser a tulha.

Os beirais da casa-sede mantém cimalha de madeira e, nos remanescentes da antiga tulha, estão descaracterizados.

Portas e janelas mantém verga reta, observados na casa-sede e nos remanescentes da antiga tulha, apresentando sobrevergas nos vãos localizados na casa-sede. As janelas contam com esquadrias em venezianas, guilhotinas, folhas cegas e no padrão de mercado, enquanto que as portas são guarnecidas por almofadadas, folhas cegas com bandeiras, venezianas com bandeiras e no padrão de mercado.

O sistema construtivo mantém estrutura autônoma de madeira de seção quadrada, com embasamento em pedra e vedações em pau-a-pique e adobe. Não foi realizada prospecção que comprove essa técnica construtiva, mas a mesma foi constatada através do afloramento da estrutura em madeira, da alvenaria de embasamento em pedra aparente e de trechos da alvenaria de pau-a-pique e adobe, também aparentes.



110



111



115



116



117

Na casa-sede, foi observado o apodrecimento de elementos em madeira (verga, ombreiras, peitoris) das esquadrias na sala de estar SE; sala de jantar SJ; circulação CI3 e porão (f.48, 49, 50, 51, 52, 53, 54 e 55).

Notou-se a existência de pintura decorativa no banheiro WC2 da casa-sede (f.84) e, na capela, o retábulo-mor foi inserido posteriormente ou sofreu sucessivas intervenções que o descaracterizaram (f.85, 86, 87, 88).

Existe passagem de tubulação de esgoto pelo tabuado e barrotes de piso, nos banheiros WC1 e WC2 (f.96). Há instalações elétricas sem proteção na cozinha COZ2; no banheiro WC3 e no porão (f.79, 98, 99, 100, 103), bem como instalações elétricas embutidas na alvenaria histórica, com utilização de argamassa de cimento para fechamento de rasgo.

As fachadas acham-se descaracterizadas pela abertura de portas e janelas e a construção de cobertura em telha cerâmica na varanda (f.105, 109). Existem trechos apodrecidos na cimalha em madeira (f.105).

Não foi possível o acesso ao interior da antiga tulha.

Na fundação da casa-sede foi notada a abertura de rasgo na alvenaria de embasamento em pedra para passagem de tubulação de esgoto (f.97), enquanto que, no remanescente da antiga tulha, observou-se a presença de pequenos vazios na alvenaria de embasamento em pedra, sem argamassa de consolidação (f.111), bem como trechos da alvenaria de embasamento em pedra revestida com argamassa de cimento (f.112) e a substituição da alvenaria de embasamento em pedra por alvenaria de tijolo maciço (f.110).

Nas paredes de vedação da casa-sede observou-se a demolição de alvenaria histórica, detectada através de marcação no forro de madeira na sala de estar SE (f.01, 02), além de intervenção com argamassa de cimento na alvenaria histórica nesta sala de estar SE; no quarto Q5; nos banheiros WC1, WC2 e WC3; na cozinha COZ2; na área A1; e na área de serviço AS2 (f.03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27 e 28). Há manchas de umidade nas ombreiras da esquadria da sala de estar SE (f.56), assim como mancha de umidade ascendente, com descolamento da pintura, no quarto Q4; lavabo L1; área de serviço AS2; e circulação CI3 (f.65, 66, 67, 68, 69,70, 107, 108). Existe desarticulação das alvenarias na sala de jantar SJ; quartos Q3 e Q4; biblioteca B (f.57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64) e também desarticulação das alvenarias, com intervenção em argamassa de cimento, na sala de estar SE; banheiros WC1 e WC2; e área A1 (f.05, 17, 19 e 23), além de desagregação do revestimento histórico em placas no porão e na fachada (f.78, 79, 80, 81, 82, 83). Foram notadas a presença de fissuras, com desagregação do revestimento na capela CAP; quarto Q3; cozinha COZ2; área A1, além de nas fachadas e no porão (f.71, 72, 73, 74, 75, 76, 77) e com descolamento da pintura na biblioteca B (f.89). Foi fechado um vão com alvenaria de tijolo e argamassa de cimento na circulação CI2 (f.90), bem como notadas alvenarias de pau-a-pique e adobe sem argamassa de revestimento, causando rápida degradação dos materiais, no porão (f.91, 92, 93, 94).



01



03



05



06



13



14



17



20

Nas paredes de vedação dos remanescentes da antiga tulha, as alvenarias históricas acham-se sem argamassa de revestimento, causando rápida degradação dos materiais (f.113, 114).

Na cobertura da casa-sede notou-se a existência de telhas quebradas (f.28, 99, 101), bem como a presença de vegetação no telhado (f.106). Há infiltração descendente no depósito DEP2 (f.101) e mancha de umidade descendente na alvenaria divisória entre a varanda e a sala de estar (f.102). No telhado da construção remanescente da antiga tulha observou-se o arqueamento das peças de madeira (f.115).

Na estrutura de madeira da casa-sede foram notadas várias fissuras, provavelmente devido ao selamento do madeiramento, na sala de estar SE; nos quartos Q3, Q4 e Q5; na sala de jantar SJ; na biblioteca B; e na cozinha COZ1 (f.06, 10, 12, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46 e 47). Foi observada uma solução estrutural em concreto na base do esteio de madeira no porão, para substituição de trecho deteriorado (f.95) e outra para escoramento de trecho deteriorado dos barrotes, com a construção de pilaretes em alvenaria de tijolo maciço (f.96), além de trechos de barrotes de piso apodrecidos (f.104). O madeiramento dos remanescentes da antiga tulha acham-se em péssimo estado de conservação (f.116, 117, 118, 119).



21



22



25



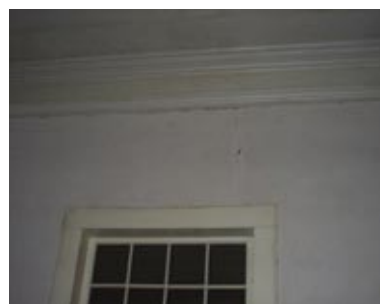
26



27



28



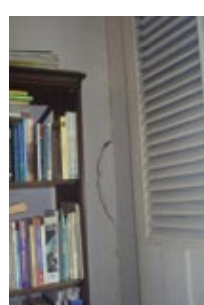
33



34



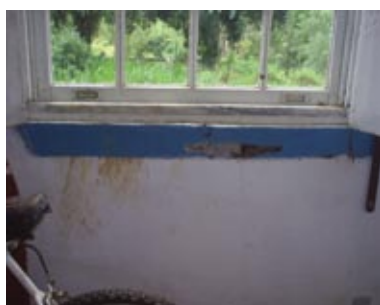
41



44



48



49



52



54



55



59



60



66



69



70



71



73



74



75



76



77



78



83



84



90



93



95



99



100



101



102



108



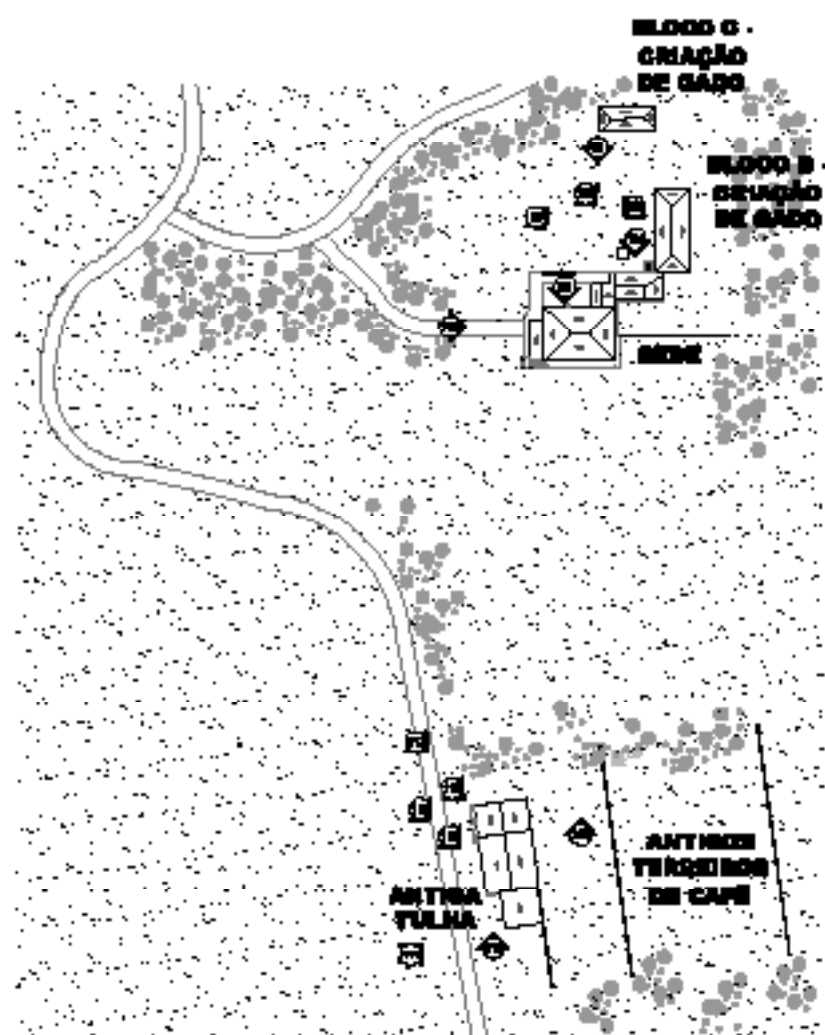
112



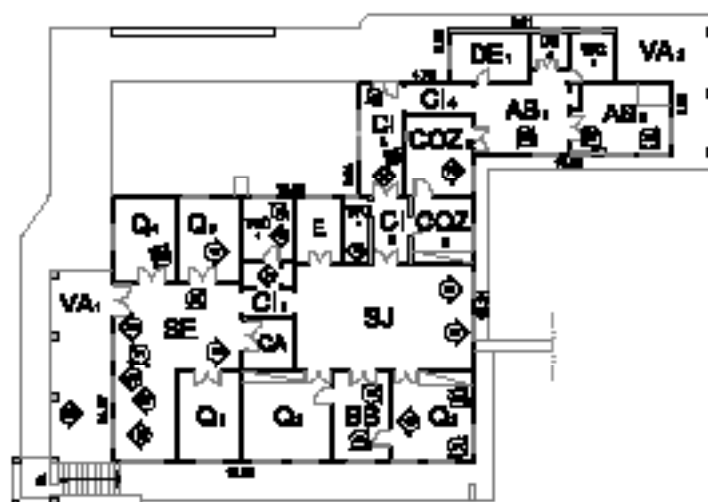
114



119



1 FAZENDA SÃO JOSÉ
 Folha de 40 folhas escala 1:5000
 0 10 20 30



2 Fazenda São José de São João - Vila Rica - século XVIII



1 FAZENDA SÃO JOSÉ
Fazenda São José de São João - Vila Rica - século XVIII



AB - área de serviço CA - cozinha COZ - cozinha DEP - depósito G - quarto SU - sala de jantar VA - varanda ———— aberturas abertas
 BB - biblioteca CI - alambique DE - despensa E - escritório AJ - sala de estar WC - banheiro

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F13 - Val

2/2

equipe: Tânia N. Kashhecura/ Ana Vivian Baurista/ Paulo Ariel G. Dias	desenho: Tânia N. Kashhecura	revisão: Franciele Bourquet	data: nov 2007
--	---------------------------------	--------------------------------	-------------------

São José pertence ao grupo de fazendas pioneiras, na fase inicial da cultura do café no Vale do Paraíba. Localizada entre a mesopotâmia dos rios das Flores e Bonito, bem próxima à antiga aldeia dos índios Araris, foi fundada por volta de 1830.

Com o desenvolvimento da lavoura cafeeira na região, não tardou e a pequena aldeia transformou-se na importante freguesia de Santo Antônio do Rio Bonito, mais tarde simplificada para “Conservatória”, jurisdição de Valença.

O fundador da Fazenda São José foi o mineiro de São João d’El Rey, Anastácio Leite Ribeiro, da importante irmandade dos Leite Ribeiro e Teixeira Leite. Família que se espalhou pelo Vale do Paraíba, com envolvimento em vários setores da economia cafeeira.

Inicialmente esta fazenda era denominada “São José do Rio Bonito” e sua área de terras era composta por duas sesmarias. Pelo que consta, Anastácio não foi contemplado pela concessão de tais terras, e as adquiriu de terceiros.

Do seu casamento com dona Maria Esméria d’Assumpção nasceram os filhos Anna Esméria, que foi a primeira esposa do futuro Barão de Vassouras, Francisco José Teixeira Leite, que fundaram a Fazenda Cachoeira Grande, em Vassouras; João Ferreira Leite; Joaquim Leite Ribeiro, que foi Juiz de Paz em Conservatória; Francisco Leite Ribeiro, que depois da morte dos pais ficou com as Fazendas de São José e Bela Vista; Marianna Cândida, que casou-se com o primo Francisco Leite Pinto, e que foram fazendeiros em Mar de Espanha; Custódio Ferreira Leite; Maria Francisca Leite; Anastácio e, finalmente, José Leite Ribeiro, que, após a morte dos pais fundou a Fazenda Florença.

Comendador pela Ordem da Rosa, Francisco Leite Ribeiro foi casado com Cândida Antônia de Miranda que, depois da morte dos pais, herdou as fazendas de São José e Bela Vista, falecendo em 1883.

No século XX, já no período do gado de leite, a fazenda foi propriedade do Dr. Alfredo de Carvalho Gomes, casado com Virginia Ramos Gomes. Alfredo era neto do pioneiro, Comendador Manoel Alves Gomes, senhor da sesmaria de São Manoel, vizinha da São José. Era sócio de seu irmão, Tenente Coronel Adolpho de Carvalho Gomes, da empresa agrícola “Carvalho Gomes & Filhos”, com diversas fazendas em Conservatória e em Pirai.

Atualmente a fazenda pertence aos seus descendentes.

